

# REPRESENTAÇÕES BÉLICAS NA ARTE AUGUSTANA E A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE IMPERIAL ROMANA

## WAR REPRESENTATIONS IN AUGUSTAN ART AND CONSOLIDATION OF THE IMPERIAL ROMAN IDENTITY

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso PIRES\*

**Resumo:** Este artigo visa estabelecer uma breve reflexão sobre quais argumentos e dispositivos retóricos o Principado utilizou para legitimar o domínio de Roma sobre outros povos, culminando na ideia de mandato divino. Para tanto, irei explorar as representações simbólicas relativas à guerra contidas em alguns documentos artísticos do Principado de Augusto. Esta pesquisa faz parte do projeto "Império: teoria e prática imperialista romana", cuja perspectiva comparativista convida o diálogo com outros pesquisadores.

**Palavras-chave:** Principado Augustano – Propaganda Imperial – História Visual.

**Abstract:** This article aims to provide a brief reflection on what arguments and rhetorical devices the Principate used to legitimize the rule of Rome over other peoples, culminating in the idea of divine mandate. Therefore, I will explore the symbolic representations relating to the war contained in some artistic documents of Augusto's Principate. This research is part of the project called 'Empire: Roman imperialist theory and practice', whose comparativist perspective invites the dialogue with other researchers.

**Keywords:** Augustan Principate – Imperial Propaganda – Visual History.

Para a mentalidade contemporânea, Roma e 'ação imperialista' são conceitos intrínsecos, tão atados um ao outro que uma dissociação entre ambas se torna estranha ou até mesmo ilógica. Contudo, os romanos desenvolveram muito gradualmente uma retórica imperialista que explicasse o sucesso de suas ações sobre povos subjugados. O Principado augustano sentiu a necessidade de redefinir a identidade de Roma e sua atuação no mundo. Portanto, se faz necessário o exercício reflexivo de nos afastarmos de uma noção de natureza imperialista inerente e vitalícia do Povo romano.

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado (CASTELLS, 2008, p.22).

---

\* Mestre em História – Programa de Pós-Graduação em História Comparada – Instituto de História – UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, CEP: 20051-070, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Membro do CEIA/UFF – Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade e do LHIA/UFRJ – Laboratório de História Antiga. E-mail: [thiago2008r@hotmail.com](mailto:thiago2008r@hotmail.com)

A identidade é forjada por meio de um processo de significação, baseado em indivíduos que compartilham elementos comuns, os quais são vistos e escolhidos por estes como relevantes. As identidades não são de forma alguma essenciais ou pré-existentes em um grupo, mas cunhadas, podendo ser revistas ou adaptadas. Diante do exposto, fica evidente a conexão entre poder e cultura que acompanha a prática imperialista.

Entenderemos Impérios (COHEN, 2004, p.50) como Estados multinacionais ou multiétnicos que estendem suas redes de influências através de controles legais ou ilegais sobre outras unidades políticas. Deste modo, não existem impérios sem uma conglomeração de nacionalidades, de diferentes línguas, culturas e etnias, na qual a hegemonia de uma sobressai sobre as outras. A heterogeneidade e a dominação são as essências das relações imperiais. Impérios são hierárquicos, o que torna imprescindível a criação de um sistema de valores compartilhados, formado com base nos padrões culturais do centro imperial, como uma forma de sobrepujar as diversidades locais.

O controle e a capacidade de acesso dos governantes sobre as mais significativas mídias são utilizados para forjar como a posição dos governantes deve ser concebida pelos seus súditos, através de um complexo sistema de crenças e expectativas culturalmente compartilhadas. O poder se torna o elemento organizador da sociedade, princípio de unidade social, centro propulsor e coordenador. Assistimos a formação de uma ideologia cujo conjunto de referências, de crenças, de valores, de memórias específicas, de vocabulários, dentre outros, caracteriza uma identidade própria que procura imbuir os habitantes com uma forma específica de se ver o mundo.

Nosso presente recorte será averiguar como esta identidade romana foi construída através de representações bélicas em alguns documentos da arte augustana. Estas representações estavam imersas em um sistema semiótico maior que oferecia ao público uma versão da realidade encarnada em imagens ou em palavras através de significações (JODELET, 2001, p.17). As representações se tornaram marcas fundamentais para o poder porque são fenômenos cognitivos e, como tais, envolvem o interpretante na pertença social, com implicações afetivas e normativas, através da interiorização de experiências práticas, modelos de conduta e pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social. As representações, assim, são entendidas como formas de domesticar os espíritos dos transeuntes na ideologia do líder político, de legitimar a ação do Estado.

Este sistema simbólico fazia parte de um ‘projeto imperial’ construído ao longo do processo de estabelecimento do Principado. Tal projeto redefiniu a identidade romana não só através da formação de novos ‘clássicos’ latinos, mas também através de um vasto e contundente sistema de mídias que permeava toda a sociedade, propagando símbolos que reafirmavam os dizeres da literatura e que também se alimentava dela. O pesquisador Tonio Hölscher (2004, p.83) defende que a linguagem visual romana funcionava como um sistema semântico, como uma espécie de gramática de estrutura específica. Não se tratava de um sistema consciente, mas um conjunto de elementos coordenados que dialogavam entre si e interagiam organicamente, uma seleção de formas predeterminadas de expressão com mensagens específicas.

Esta linguagem visual foi de grande importância como instrumento de comunicação direta. A vasta maioria dos habitantes do império não falava as duas línguas que regiam o mundo civilizado (o grego no Oriente e o latim no Ocidente). As imagens construíam uma unidade simbólica que conseguia unir povos variados dando-lhes uma hierarquia. Os atributos do poder assim circulavam pelos mais diversos estratos sociais através de diferentes espaços públicos e privados. As regiões itálicas, provinciais e *outsiders* se acostumavam à simbologia latina e se ‘romanizavam’ com o linguajar do povo dominador. O Principado necessitava de uma cultura universalizante, não um conhecimento local, para definir seu império e um novo sentido de ser romano (WALLACE-HADRILL, 2007, p. 22).

Um das figuras de maior prestígio no cenário social do Principado de Augusto foi Mecenas, cavaleiro de sangue etrusco que foi conselheiro e agente diplomático do *princeps*. Virgílio foi protegido de Mecenas e iniciou a elaboração da *Eneida* em 19 a.C. O poema começa com o término da guerra entre aqueus e troianos, iniciada na *Ilíada* de Homero. Tróia, desde os tempos republicanos, desempenhava um papel mediador na diplomacia entre romanos e gregos, representava um passado em comum entre ambos os povos (ERSKINE, 2001, p.11). A *Ilíada* narra as batalhas de homens que lutam por suas instituições, mas que prezam pelo ‘eu’, pela bravura, por glória individuais e destino pessoal. O coletivo era visto em segundo plano no épico homérico e o futuro não era uma preocupação como na *Eneida* (RODRIGUES, 2005, p.11). Nesta última obra, a missão principal é Roma, o futuro é a formação de uma cidade que irá impor ao mundo a civilização.

A retórica épica não negou o passado, pelo contrário, foi usada pelos aristocratas para reafirmar sua proeminência política em figuras ancestrais. Para tanto, a extensa

família dos *juliae* oferecia uma variedade grande de líderes ilustres, mitológicos ou não. Enéias, Rômulo e César foram a diversos momentos coligados ao nome de Augusto.

[Júpiter:] Um dia, nos anos que se seguirão, a casa de Assáraco conseguirá subjugar a Ftia e a famosa Micenas e dominará Argos vencida. Desta bela raça nascerá o troiano César que estenderá o império ao Oceano e que a fama elevará aos astros: seu nome vem do grande Iulo. Um dia, ele chegará carregado de espólios do Oriente, tu o receberás no céu em toda tranquilidade e os homens também se dirigirão a ele em preces. Então, deposta a guerra, se findará a idade do ferro (Virg. *Eneida*. I, 283-290).

Na *Eneida*, o próprio Júpiter é quem estabelece a relação entre glória de Roma e a família do príncipe Augusto. O trecho salienta as conquistas territoriais de César, liga de forma inconfundível a gênese da família Julia ao filho de Enéias (Iulo do qual deriva toda a casa *Juliae*) e não deixa dúvidas de que o ditador era agora um deus. A vitória de César sobre a Grécia se torna o ápice do mito de Tróia, pois a cidade que antes foi destruída pelos gregos agora os dominava: o ciclo da vingança estava completo. A hegemonia territorial romana tinha um autor: César e a *gens Iuliae*, família que garantiria a paz no mundo.

A ideia de evolução linear histórica (e heroica) pode ser observada na disposição das estátuas no Fórum de Augusto.<sup>1</sup> As fileiras de estátuas dos *summi viri*, no pátio interno do Fórum, ladeando a estátua equestre de Augusto sugeriam uma imagem de conjunto da história republicana recente. As figuras célebres da trajetória do Povo romano eram protegidas por aquele que estava ao centro, Augusto. Todas as estátuas portavam placas de bronze nas quais poderiam ser lidos o *tituli* e a *elogia*. A configuração espacial das estátuas no Fórum de Augusto fornecia uma história republicana revisada e adaptada pelo novo sistema: uma história crescente em poder e glória, cujo ápice era o novo *princeps*. Era Augusto o responsável pelo *imperium*, aqui entendido como vitória militar dos generais que ganhavam suas estátuas no Fórum, como recompensa pela batalha vencida.

As estátuas dos 108 *triumphatores* romanos no Fórum de Augusto enalteciam não só a dinastia de Augusto, mas também a vitória e prosperidade do imperialismo romano. As séries de estátuas dos *summi viri* formavam uma espécie de hall da fama dos valores nacionais, um monumento que visava ensinar aos visitantes os memoráveis feitos dos grandes romanos. As estátuas serviam como *exempla*, modelos de virtudes

romanas para que os contemporâneos contemplassem e se espelhassem nos seus feitos e na sua devoção a servir ao Estado.

Os dois primeiros *exedras*<sup>2</sup> do Fórum, os mais próximos ao templo, possuíam nichos maiores, com estátuas maiores, pois ali estavam representadas as figuras mais importantes: Enéias e Rômulo. Na *Eneida*, Enéias incita seus companheiros a serem duros e perseverantes a fim de ter a merecida recompensa. A reconstrução de Tróia no Lácio (a cidade de Roma) é a promessa de uma nova era de ouro, de um “feliz futuro” em um “tranquilo lar”. Enéias ensina aos seus homens a ter amor ao solo conquistado com suas batalhas: “Vamos, diz ele, rendemos estas homenagens supremas a estas almas de elite com cujo sangue compramos esta pátria” (Virg. *Eneida*. XI, 23-25). Além de ressaltar o valor guerreiro de seu povo, Roma assim ficaria devendo seu futuro sucesso às estas guerras mitológicas (“com cujo sangue compramos esta pátria”).

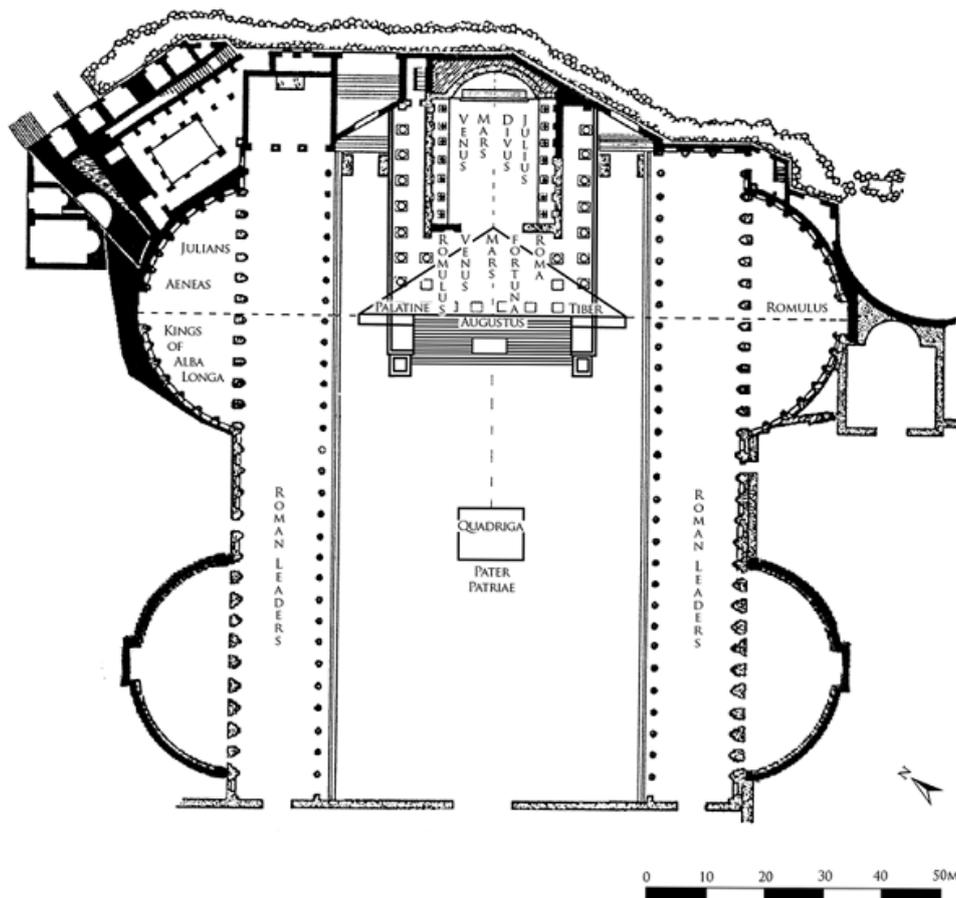


Figura 01  
Planta do Fórum de Augusto<sup>3</sup>

No nicho central do *exedra* nordeste do Fórum de Augusto, encontramos uma grande estátua de Rômulo, que contrasta com a figura diametralmente oposta, a de Enéias, por conta de seus símbolos bélicos. Rômulo carrega nas costas uma *spolia opima*, um troféu pego de um inimigo de Roma, e porta uma lança. O fundador encarna o ideal da *virtus* por carregar um troféu militar e uma arma. A *virtus* (a tenacidade bélica) permeia toda a *Eneida*. “A cólera e o furor precipitam minhas resoluções e sonho com uma bela morte com minhas armas” (Virg. *Eneida*. II, 316-317). “Três ou quatro vezes são mais felizes aqueles que feneceram ao lado dos altos muros de Tróia, que encontraram a morte sob os olhares paternos!” (Virg. *Eneida*. I, 94-96). O trecho retrata a ideal guerreiro de morte: uma morte em batalha defendendo a pátria. Este ideal estava fortemente ligado a virilidade do homem, seu valor guerreiro em campo de batalha. *Virtus* estava vinculada a vitória e a distinção de seu possuidor com honras.



Figura 02  
Fórum de Augusto, Imagem similar à estátua de Rômulo no *exedra* nordeste<sup>4</sup>

No entanto é a figura de Enéias que foi trabalhada de forma a configurar como o exemplo máximo dos valores estoicos romanos a ser alcançado.

[Acetes:] Enéias é nosso rei, que a ninguém cede. Ele é pio e inteiro, valente e belicoso. Se aura etérea o protege e o fado cumpre, se os manes não o têm, sem medo somos (Virg. *Eneida*. I, 544-549).

Na visão dos romanos, as virtudes morais dos cidadãos e o talento de seus chefes militares foram os fatores que garantiram o sucesso de Roma no passado. Para tanto, a república havia contado com a frugalidade, a simplicidade, a boa fé e a piedade de seus cidadãos. O sucesso do Estado Romano não se apoiava apenas nas capacidades bélicas de seu povo, mas também nas virtudes dos anciãos e de seus homens. Da mesma maneira que os antigos fundadores eram retratados como patriarcas virtuosos, o governante deveria ser retratado como o pastor, o salvador, um pai: um novo Rômulo ou Enéias.

Da mesma maneira que Enéias figurava como o chefe militar dono de virtudes estoicas inigualáveis, Augusto se apropriava de ideais de heroísmo Greco-oriental para incorporar um caráter de soberano benfeitor universal, o principal responsável pela volta da boa ordem que havia posto Roma como senhora do mundo. O Senado e o povo romano executaram o projeto de montar um escudo dourado, o *clupeus virtutis* (o escudo da virtude), no qual o Senado gravou a lista das quatro virtudes cardinais: valor (*virtus*), clemência (*clementia*), justiça (*iustitia*) e ‘piedade’ (*pietas*) (ECK, 2007, p.55). Tal escudo ficava exposto no pódio da estátua equestre de Augusto no Fórum, mas Otávio recebeu ainda a coroa cívica, uma coroa de louro presenteada àquele que salvou a vida de inúmeros cidadãos romanos, representava neste momento, sobretudo, a salvação da pátria.

O governante heroico deveria ter entre seus feitos atos digno de heróis. Para tanto lhe cabia ostentar suas grandezas e proezas.

Ele [Augusto] estenderá os limites de seu império além do país de Garamantes e das Índias, situado além dos signos do zodíaco, além das rotas do ano e do sol, até aonde Atlas, que sustenta o céu, vira sobre as costas o reino ardentes das estrelas. E já, ao ouvir os sons de sua chegada, preces horrorizadas aos deuses são feitas nos reinos dos Cáspios e nas fronteiras da Meótica; e as sete embocaduras do Nilo se agitam confusamente e trepidam. Nem **Alcides** percorreu tantos países, apesar de ter perseguido a cerva de patas de bronze, pacificar a floresta de Erimanto e estremeceu com seu arco o pântano de Lerna; nem mesmo **Baco** vingador, dos altos cumes da Nisa, conduzido atrelado por tigres sob as dóceis rédeas de vinha. E ainda duvidam de apoiar seu valor! O temor se fixou nas terras da Ausônia! [Grifos nossos] (Virg. *Eneida*. VI, 794-807).

No trecho selecionado, a extensão do império de Augusto é comparada a dois grandes heróis da mitologia grega: Hércules e Baco. Nem estes dois percorreram tantos territórios quanto o príncipe haveria de conquistar. A extensão do poderio romano foi

representada como uma construção política que abarcava todo o mundo habitado, *oikouméne*, sobre o qual exerciam uma dominação. É uma ideia que implica a conquista de territórios, de povos e de sociedades.

[Heleno:] Resistente descendente de Dárdano, a terra que primeiro deu origem aos seus ancestrais há de acolher-vos e lá prosperará: a casa ali de Enéias irá dominar todos os países, e os filhos de seus filhos e os que deles nascerem (Virg. *Eneida*. III, 94-98).

As fronteiras de Roma e o poderio do *princeps* tornavam-se cada vez mais coligados. Roma era encarregada pelos deuses de não só dominar toda a *oikouméne*, o mundo habitado, mas também organizá-lo. É difícil traçarmos quando esta ideia de mandato divino de Roma teve início. O processo parece ter tido suas raízes nos círculos aristocráticos imbuídos de estoicismo da época de Cipião Emiliano, que considerava como missão histórica de Roma lograr a unificação política da comunidade de homens “racionais”, com a qual justificava a sua política de conquista.

Nas províncias do Ocidente, a prioridade era consolidar a conquista e subordinar os povos, introduzindo-os em uma ‘ética civilizatória’, impor a ordem (MENDES, 2006, p.40). Já nas províncias de cultura helênica, a intenção de Roma era restaurar a disciplina. A poderosa *urbs* deveria manter a paz entre os povos e seus habitantes e sistematizar a organização do mundo, a fim de espalhar os preceitos da *humanitas*.

O conceito de *humanitas* é oriundo da Grécia com o nome de *Philanthropia*. O historiador Paul Veyne (1991, p.290) esclarece que o termo levanta uma oposição ética/comportamental entre o homem civilizado e o bárbaro, abrange um estilo de vida, uma moralidade que difere um do outro. Indica formas coletivas de civilização expressas por ideais como a piedade, a brandura, a simplicidade: trata-se da ‘arte da boa sociedade’.

O Principado procurou ressaltar a ideia de um império sem fim e a evocação da figura de Alexandre, o grande, não poderia ser mais elucidativa. O exemplo de Alexandre alimentava os espíritos dos chefes romanos. Caso superassem a vitória do líder grego, suas glórias seriam douradas. Foi Augusto que elevou esta ideia a uma *Pax Augusti*, herdeiro do império de Alexandre, cujo programa civilizador e conquistador tornavam a cultura helênica como forma de integrar os outros ao império (LA VEGA, 2005, p.275). O Fórum de Augusto ostentava uma grande pintura de Alexandre, mas infelizmente nos restam poucos detalhes. Sobre ela o historiador Plínio, em *História*

*natural*, descreve a seguinte imagem:

[...] e em Roma o seu Castor e Pollux com Vitória e Alexandre, o Grande, com a figura da Guerra com as mãos atadas para trás: Alexandre dirigindo em triunfo seu carro romano. Ambos os quadros da divina majestade de Augusto aponta para o bom gosto daquele que as encomendou para as partes mais frequentadas do seu fórum (Plínio, *História natural*, 27).

Posteriormente, a cabeça de Alexandre foi substituída pela de Augusto. O Fórum de Augusto adquiriu um caráter mais militarista, e revanchista, após a vitória diplomática de Roma sobre os Partas, quando os estandartes foram devolvidos. Os romanos estavam preparando uma nova campanha contra os Partas desde 20 a.C., Crasso havia perdido o estandarte da águia em 53 para os Partas. Uma passagem nos Livros Sibílicos insinuava que a Idade de Ouro só seria retomada após a devolução do mesmo ao povo romano. César foi assassinado antes de empreender sua campanha ao Oriente, já Antonio havia falhado. Augusto marchou para enfrentar o Império parta, mas a vitória foi mais diplomática que propriamente bélica. O governante voltou à Roma como um novo Alexandre, como aquele que restituiu a *virtus* romana, um exemplo de bravura aos seus governados.



Figura 03  
*Ara pacis*, Painel superior Leste, Roma divinizada<sup>5</sup>

No *Ara pacis*, a representação da deusa Roma, no painel leste, salienta a proposta de paz. Em um pequeno fragmento figura a representação da deusa sentada em

sob uma pilha de armas e armaduras, acumulados em um longo processo de guerras. A disposição das armas, não sendo usadas, mas em repouso, corrobora a ideia de plenitude e calma. O painel representa o espaço da *urbs* Roma e da vitória militar sobre o mundo civilizado. O paraíso da paz só foi possível graças ao resultado da guerra. Uma representação de Roma muito semelhante a esta pode ser encontrada no pedimento do templo de *Mars Ultor*.

Por analogia com o painel de *Tellus* e outro pequeno fragmento (que expõe uma face) estimasse que houvesse duas figuras femininas flanqueando Roma, uma delas usando uma Cornucópia. As figuras danificadas costumam ser apontadas como as personificações do Valor militar (*Virtus*) e da honra (*Honor*), ou ainda a própria deusa Paz. O paraíso da paz só foi possível graças ao resultado da guerra. Através da tutela de Augusto, Roma alcançaria seu destino final de conquistar todo o mundo conhecido.

Anquises na *Eneida* deixa bem claro para seu filho qual a missão futura da cidade que governará o Mediterrâneo:

[Anquises:] Outros serão mais hábeis, creio eu, em dar ao bronze maleável a vida e fazer surgir do mármore figuras mais vivas; outros rezarão melhor e serão melhores em mensurar no compasso os movimentos do céu e o curso dos astros. Tu, romano, saibas impor ao mundo o seu império. Terá por arte a paz e a lei ditar, e os povos todos poupar os submissos e debelar os soberbos (Virg. *Eneida*. VI, 847-853).

A incorporação da titularia de *imperator*, por Augusto, enfatizava essa concepção. O título estava associado ao caráter sagrado que envolvia a concepção tradicional de *imperium*. Tratava-se de uma força transcendente, simultaneamente criativa e reguladora, capaz de agir sobre o real e de submetê-lo a sua vontade: poder inerente de Júpiter que o transmite ao magistrado escolhido pelo povo romano. *Imperator* surgia como um título indissociável da ideia de vitória, pois era como os soldados clamavam um general após sua vitória. A inspiração para a vitória adquiria um caráter religioso, de uma comunicação e predileção direta entre o chefe militar e Júpiter.

[Júpiter:] [...] Rômulo, alimentado pelo sangue da loba, dará continuidade a raça de Enéias, fundará a cidade de Marte e nomeará os romanos com seu nome. Eu não lhes dei limite de tempo ou poder: dei-lhes um império sem fim. Ainda mais: até mesmo Juno, que os castiga através da raiva o mar, a terra e o céu, mudará para sentimentos melhores para com eles e os protegerão como eu, o povo de toga, os romanos mestres do mundo. Esta é minha vontade (Virg. *Eneida*. I, 272-280).

Roma, na voz de Júpiter, surge como uma cidade planejada pelos deuses. Foi o deus supremo do Olimpo que orquestrou o futuro papel da cidade no mundo. Através da intervenção divina é que os romanos atingirão suas glórias e se tornarão os mestres do mundo.

A minha armada navegou o Oceano, da foz do Reno para o Oriente até o território dos Cimbrios, onde nem por terra nem por mar nenhum romano tinha antes chegado: os Cimbrios, os Carides, os Semnões e outras populações germânicas da mesma região, por meio de embaixadores pediram a amizade minha e do povo romano (Augusto, *Res Gestae Divi Augusti*. 26).

Portanto, esperamos ter demonstrado, através desta análise intertextual e da interpretação de alguns símbolos contidos no nosso *corpus* documental que Augusto foi representado como aquele que defendia a *res publica* e que assegurava a maestria de Roma sobre o mundo conhecido. Augusto surgia como aquele que guiaria a nova Tróia para o seu mandato divino de dominar o mundo, tal como Enéias e Rômulo havia liderado Roma. O *princeps* recorreu a alegorias discursivas que perpassavam pela simbologia de um escolhido divino cuja missão era restituir a paz, a ordem e dar prosseguimento a missão civilizatória de conquista mundial romana. A sua liderança garantiria a atuação benéfica dos deuses e da Fortuna, consolidando, assim, a noção de *laus imperii*.

O viés comparativo foi de suma importância, pois a ação do governante não se restringiu apenas ao campo de atuação política. O Principado deveria tratar as artes de maneira que uma mesma ‘linguagem simbólica’ perpassasse tanto os documentos de ordem visual quanto os de ordem verbal. A criação de um ‘passado reinventado’ foi importante para representar as aspirações de novos tempos. As artes do período constituíram um projeto imperial que difundiu pelas províncias os vetores fundamentais de identificação do cidadão romano, contribuindo para a integração imperial. O controle das artes e o acesso dos governantes aos mais significativos métodos midiáticos foram utilizados para forjar uma visão benéfica do *princeps*.

### **Documentação primária**

- AUGUSTO. *Res Gestae Divi Augusti*. Trad. G. D. Leoni. São Paulo: Livraria Nobel, 1957.
- PLÍNIO. *Natural history*. Vol. 9. Coleção Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Unicamp, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Énéid*. Trad. André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

### **Referências Bibliográficas**

- ALFODY, G. *História social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- AICHER, P. *Homer and roman republic poetry*. Chapel Hill, 1986. (Dissertação de doutorado em literatura na Universidade da Carolina do Norte).
- BAYET, J. *Literatura Latina*. Barcelona: Editorial Ariel, 1981.
- BORGES, A. *A organização do espaço social no Principado: um estudo de caso sobre a colônia Augusta Emerita entre os séculos I a.C. - II d.C.* (Dissertação. Mestrado em História Comparada, UFRJ). Rio de Janeiro, 2010.
- BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E. (Ed.), *The Cambridge Ancient History*. Vol X, The augustan empire, 43 b.C. – a.D. 69. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BRUNT, P. A. *Laus imperii*. In.: GARNSEY, P. A. & WHITTAKER, C. R. *Imperialism in the ancient world*. London/New York: Cambridge University Press, 1978.
- BURKE, P. *Visto y no visto*. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.
- CAMPBELL, B. *War and society in imperial rome*. Londres/Nova York: Routledge, 2002.
- CARDOSO, C. F. S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F.; LABATE, M. *Literatura na Roma antiga*. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkain, 2006.
- CLARKE, J. *Art in the lives of the ordinary romans*. Berkeley: University of California Press, 2003.
- COHEN, Eliot. A. History and the hyperpower. *Foreign affairs*, v. 83, n. 4, p.41-50, 2004.
- HABINEK, T.; SCHIESARO, A. *The Roman cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ECK, W. *The age of Augustus*. Malden: Blackell Publishing, 2007.
- ELSNER, J. *Imperial Rome and Christian triumph*. Oxford\New York: Oxford University Press, 1998.
- ERSKINE, A. *Troy between Greece and Rome. Local Tradition and imperial Power*. New York: Oxford university press, 2001.
- DETIENNE, M. *Comparar o incomparável*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GALINSKY, Karl. *Augustan Culture. An interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Austin: Cambridge University Press, 2007.
- GONÇALVES, A. Poder e propaganda no período severiano: a construção da imagem imperial. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v.7, 2001.
- GOWING, A. *Empire and Memory. The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- HÖLSCHER, T. *The language of images in roman art*. Cambridge: University Press, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- KAMPEN, N. On Writing Histories of Roman Art. *The Art Bulletin*, v. 85, n. 2, p.371-386, 2003.
- LA VEGA, M. Algunas reflexiones sobre los limites del *olkoumene* em El império romano. *Gerión*, Salamanca, v.23, p.271-285, 2005.
- MENDES, N. O sistema Político do Principado. In.: SILVA, G; MENDES, N. (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 21-51.
- \_\_\_\_\_; SILVA, G. As representações do poder imperial em Roma entre o Principado e o Dominato. *Dimensões*, Vitória, n.16, 2004.
- MITCHELL, L. Em Busca da Antiguidade. In.: BELTRÃO, C.; MARQUES, J.; TACLA, A. (Orgs.) *A busca do Antigo*. Rio de Janeiro: Nau, 2010.
- NICOLET, C. L'empire romain: espace, temps et politique." In: KETMA, C. *Civilisations de l'Orient, de a Grèce et de Rome antiques* 8. 1983, p. 163-173.
- PARATORE, E. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PEREIRA, M. *Estudos de história da cultura clássica. Volume 2 (Cultura romana)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PIRES, T. *Arte e poder: a propaganda política no Principado como campo de experimentação comparativa*. (Dissertação. Mestrado em História Comparada, UFRJ). Rio de Janeiro, 2012.
- PINTO, M. *Comunicação e discurso*. Introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker editores, 1999.
- PREUCEL, R. *Archaeological Semiotics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- RENFREW, C.; SCARE, C. (eds.) *Cognition and material culture: the archaeology of symbolic storage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_; BAHN, P. (eds.) *Archaeology: Key concepts*. London and New York: Routledge, 2005.
- REHAK, P. *Imperium and cosmos: Augustus and the northern Campus Martius*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2006.
- RODRIGUES, A. A Eneida virgiliana, entre a vivencia e a narração. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.
- ROWELL, H. The Forum and Funeral "Imagines" of Augustus. *Memoirs of the American Academy in Rome*, Michigan, v.17, p.131-143, 1940.
- \_\_\_\_\_. Vergil and the forum of augustus. *The American Journal of Philology*, The Johns Hopkins University Press, v. 62, n. 3, p. 261-276, 1941.
- SILVA, D. *Os mecanismos de legitimação de Constantino I (306-325)*. (Dissertação. Mestrado em História Comparada, UFRJ). Rio de Janeiro, 2010.
- SIMPSON, C. A Shrine of Mars Ultor re-visited. *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 71, fasc. 1, p.116-122, 1993.
- SUMI, G. Monuments and memory: the aedes castoris in the formation of augustan ideology. *Classical Quarterly*, v.59, n. 1., p.167-186, 2009.
- SYME, R. *The roman revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1939.
- THEMEL, N.; BUSTAMANTE, R. História comparada: Olhares plurais. *Revista de história comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.1-23, 2007.
- VEYNE, P. *Humanitas: Romano e não Romanos*. In.: GIARDINA, A. (org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

ZANKER, P. *Augusto y el poder de las imágenes*. Trad. Pablo Diener Ojeda. Madrid: Alianza editorial, 2008.

WALLACE-HADRILL, A. Mutatio morum: the Idea of a cultural revolution. In.: HABINEK, T.; CHIESARO, A. *The Roman cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 3-22.

WOOLF, G. Provincial Perspectives. In.: GALINSKY, C. (Ed.). *The Cambridge companion to the age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 106-128.

\_\_\_\_\_. Inventing empire in the ancient Rome. In.: ALCOCK, S. *et al.* (Eds). *Empires: perspectives from archeology and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 311-322.

## Notas

---

<sup>1</sup> O *princeps* encomendou a construção do Fórum de Augusto, votado em 42 a.C. e inaugurado em 2 a.C. O Fórum era dominado pelo templo de *Mars Ultor* (Marte, o Vingador), no qual eram celebrados os deuses protetores tanto da *gens juliae* quanto do povo romano: Vênus *generatrix*, Marte e Júlio César divinizado.

<sup>2</sup> Trata-se de um recuo semicircular, muitas vezes com teto em fórmula de cúpula.

<sup>3</sup> Imagem extraída de GALINSKY, 2007, p. 283.

<sup>4</sup> Infelizmente não contamos com a estátua original e também com nenhuma reconstituição. Utilizamos aqui um mural pompeiano do primeiro século depois de Cristo. Doravante, Zanker (2008, p.202) e Galinsky (1996, p.205) afirmam que a imagem aqui exposta é cópia da estátua original do Fórum de Augusto. Imagem extraída de GALINSKY, 1996, p.205.

<sup>5</sup> A imagem extraída do site <<http://cafehistoria.ning.com/group/historiaantiga/forum/topics/la-roma-antigua-recupera-sus>>. Acesso em Jan. 2012.

Artigo recebido em 20/08/2013. Aprovado em 26/09/2013.